



8º Congresso de extensão universitária da UNESP

"Diálogos da Extensão:
do saber acadêmico à prática social"



Juventude pobre: Arte, Psicologia e Política

Clarissa Martins Mônico, Vitor Bonjorno Chagas, Roberto Duarte Nascimento, Alan Ricardo Floriano Bigeli, Murilo Galvão Amâncio Cruz, Samuel Iauany Martins Silva, Marcelo Lima da Silva, Soraia Georgina Ferreira de Paiva Cruz. Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Psicologia, PROEX. Email: clarissa.monaco@outlook.com

Eixo 1: "Direitos, Responsabilidades e Expressões para o Exercício da Cidadania"

Resumo

Este trabalho de extensão tem como eixo principal intervir no processo educacional dos jovens considerados em situação de risco pessoal e social, numa perspectiva que compõe arte, psicologia e política. A base teórica é constituída por autores como Foucault, Deleuze, Guattari e outros, cujo método é a cartografia. Usamos o dispositivo das "oficinas" para forjarmos a produção de pensamento e a apropriação histórica dos acontecimentos, por meio de diferentes maneiras de potencialização dos sujeitos com a arte, virtualizando outros modos de condição da existência. A psicologia será um importante referencial, na medida que afirma uma não normatização dos jovens pobres, mas sim atuará empoderando-os do conhecimento histórico de como a juventude foi forjada como virtualmente perigosa.

Palavras Chave: *Juventud, Arte, Política.*

Abstract:

This extension work introduces its main axis that is to intervene with young people considered personal and social risk. We use a perspective that comprises art, psychology and politics. The theoretical basis is based on authors like Foucault, Deleuze, Guattari and others whose method is the cartography. We use the device of "workshops" to forge production of thought and historical appropriation of events through different ways of empowering the subjects with the art, virtualizing other condition modes of existence. Psychology will be an important benchmark as stated in a non-standardization of poor young people, but rather act empowering them of historical knowledge of how the youth was forged as virtually dangerous.

Keywords: *Youth, Art, Politics.*

Introdução

Uma das características marcantes da Psicologia é ter-se constituído prática e teoricamente atrelada a muitos outros saberes, tais como História, Sociologia, Antropologia, Biologia, Economia, Política e, entre muitos outros domínios, às artes em geral. Em relação a estas últimas, chama atenção, em nossa contemporaneidade, a grande variedade de linguagens artísticas com as quais a Psicologia tem mantido diálogos bastante próximos. É o caso, por exemplo, da dança, das artes visuais, do cinema, das performances e intervenções urbanas, da literatura etc. Mais do que simplesmente sobrepor um suposto saber científico que interpretaria e daria o sentido último a respeito do monumento estético, a relação Arte-Psicologia ganha, nos melhores casos, um viés pluridirecional, no qual elas se perturbam mutuamente em sua zona de segurança prática e conceitual e, ao mesmo tempo, tornam-se mais abertas a convidar

outras disciplinas para debater questões inesperadas que aparecem. Dessa maneira, as diferentes dimensões do fazer artístico têm se mostrado vetores de subjetivação importantes, seja ao criarem novos modos de perceber e estar no mundo, seja ao tornarem mais complexos os saberes social e culturalmente arraigados a respeito do humano, perturbando a suposta tecnicidade do discurso psicológico.

Tendo isso em vista, intentamos neste projeto dar visibilidade a algumas experiências de extensão no curso de graduação em Psicologia que, para além de se utilizarem instrumentalmente das artes, procuram aliar-se a alguns fazeres e saberes que nascem da própria prática artística; e, com isso, elevam a Psicologia a uma abertura coletiva politicamente atenta a questões sociais urgentes e à possibilidade de se criarem novos modos de convivência, pautados pela dignificação da existência comum.



8º Congresso de extensão universitária da UNESP

"Diálogos da Extensão:
do saber acadêmico à prática social"

Realização:

unesp

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JULIO DE MESQUITA FILHO"



Por conta disso, duas questões que nos colocamos e que nos parecem decisivas para o trabalho que desenvolvemos são: Em que medida Arte e Política se encontram imbricadas uma na outra? E de que maneira a Psicologia, em seu diálogo com diferentes expressões artísticas, desde as mais populares e urbanas até as mais folclóricas ou clássicas, gera efeitos políticos?

A relação entre arte e política nem sempre foi facilmente reconhecida. Entre os gregos da antiguidade, a arte era considerada como um tipo de fazer humano, aquele ligado à sensação (*aísthesis*), que visava dar existência concreta a modelos ideais que povoariam um mundo perfeito captado apenas pelo pensamento intelectual (*nous*). Ora, para os gregos, a concretização de tal realidade ideal não se dava sem que a ideia corporificada perdesse algo de sua perfeição: a melhor das camas existentes nunca seria tão perfeita quanto a cama ideal, assim como a pintura ou a escultura de uma cama seria ainda mais inferior que sua correspondente feita em madeira; seria uma realidade em terceiro grau (MUNIZ, 2010, pp. 15-42). Logo, ainda que naquela época não tivéssemos a delimitação de uma teoria estética tal como conhecida hoje, como teoria das belas artes, podemos constatar que a estética existia numa relação desprivilegiada de oposição à noética. Dito de outra maneira, as atividades que em nossos dias denominamos como artísticas eram, para os gregos, um tipo de *savoir-faire* humano, não sendo nem o único, nem o mais importante, uma vez que eram acusados de nos darem uma visão confusa ou distorcida da realidade. Era, portanto, relegada ao plano da diversão e da ilusão.

Adquirir o estatuto de disciplina autônoma não garantiu, mesmo até épocas recentes, o reconhecimento de uma transversalidade profunda da arte com outras esferas do saber, tais como a Política e a Psicologia. As conexões, quando reconhecidas, apareciam muito mais como algo marcado pela chancela da coexistência de diferentes práticas ou pela boa vontade de uma contribuição pontual entre disciplinas, do que como linhas de coprodução de saber e de construção interligada de mundos, indissociavelmente intrincadas uma na outra.

Gilles Deleuze e Félix Guattari também reconhecem na arte uma potência do pensamento que, para além de ser um lugar de incidência de ideias pré-concebidas, é fonte de novas maneiras de perceber e sentir a realidade, tal como o são a ciência e a Filosofia, ainda que a matéria de trabalho destas duas últimas não esteja calcada, como ocorre na atividade artística, à criação de blocos sensoriais, mas, respectivamente, à criação de funções e às

invenções de conceitos (DELEUZE; GUATTARI, 1992, *passim*).

Sendo assim, desta vez partindo de um diálogo mais próximo com textos de Deleuze e de Guattari, podemos retomar as interrogações relativas à segunda questão que orienta este texto: em que medida a aliança prática e conceitual com o pensamento artístico, entendido como inseparável da ação política, pode ajudar e, mais do que isso, mostra-se urgente para uma Psicologia que se quer agente de mudanças em prol de uma vida digna e não simplesmente reprodutora de preconceitos que operam na ordem social vigente?

Quando, em ciência ou no senso comum, se procura conhecer um corpo, classificar um evento, captar o sentido de um gesto ou de uma fala de jovem na periferia, ou mesmo quando queremos definir uma hora do dia, cinco horas da tarde, por exemplo, deve-se levar em conta, segundo Deleuze, que achar o sentido de uma individualidade dada, classificá-la, defini-la, destacar um de seus aspectos é, por um lado, operar um corte, isto é, uma seleção, uma escolha de certos elementos que a constituem, e, por outro lado, operar omissões, recusas, sujeições e omissão de outras (DELEUZE, 2001).

Em outras palavras, em cada coisa ou acontecimento com que nos deparamos, seja em nossa atuação profissional seja em qualquer outro âmbito de nossas vidas, o que estamos sempre a experimentar é uma realidade, entendida como campo complexo de forças, que se dobra e redobra infinitamente. De Leibniz, Deleuze retira a apreensão de um universo em constante movimento, universo cujo dobrar-se constitui aquilo mesmo que o habita. Mas o que é esse fluir que, como uma massa de pão, se dobra, redobra e desdobra? Trata-se de um dobrar-se do quê? Partindo de uma aliança com Nietzsche, mas também com Foucault, podemos entender que se trata de forças atuantes no homem, com forças do fora. Forças do homem (andar, pensar, lembrar, falar), que até certo ponto dependem dele, com forças do fora, que o atravessam por todos os lados, mas não dependem dele (o calor, a gravidade, as leis naturais e sociais que o cerceiam). Assim, quando exploramos determinada faceta da realidade, seja ela qual for, estamos instituindo certa relação entre o conjunto de forças dominantes e as forças do fora, ou seja, entre as forças que caracterizam a coisa em questão, conferindo-lhe uma identidade socialmente reconhecida, e a marginalidade das forças outras que com aquelas entram em composição e também constituem o ente, mas que não são imediatamente ditas nem visíveis em nossa experiência habitual do mundo.



8º Congresso de extensão universitária da UNESP

"Diálogos da Extensão:
do saber acadêmico à prática social"

Realização:

unesp

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JULIO DE MESQUITA FILHO"

PROEX
PROG. DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

Com efeito, cada corpo, cada fato, cada acontecimento, cada aprendizagem envolve sempre um misto, pois há nele uma centralidade que predomina, um sentido reconhecível e comunicável, uma imagem individualizada, uma repetição do comum, do coerente; e há nele também o estrangeirismo do heterogêneo, o desnível das diferenças de natureza, irredutíveis entre si, portadoras de histórias e sentidos diversos. Trata-se de mundos impossíveis, nem sempre visíveis na obviedade do dado. Caladas, invisíveis e submetidas, essas forças "não dadas" dão sustentação ao que é visível e dominante, mas também podem, em certos lances da vida, vir a conectar-se, diferentemente, em agenciamentos diversos, afirmando domínios e formas novas (NASCIMENTO, 2013, p.64).

A que se deve então a visão formatada e enrijecida que, via de regra, costumamos ter das coisas, das pessoas e dos acontecimentos? Não são simplesmente necessidades pragmáticas que nos levam a tal percepção afunilada. Há todo um jogo de Potências sociais que adestram nosso olhar, que traduzem nossas percepções, que visam subsumir nossa experiência do real em categorias reinantes no senso comum. Exemplos dessas forças ou "Potências" são: o marketing, a televisão, a religião, o Direito, a Moda, etc. que, em conjunto, formam a *doxa*.

Para se compreender isso, é preciso mais uma vez adentrar na teoria nietzschiana das forças, conforme Deleuze as tematiza. Há que se considerar que o corpo, como dissemos, é uma composição de relações de forças diversas e, dependendo das articulações e da relação que dele se apodera, nele reina tal ou qual sentido, tal ou qual valor, tal ou qual verdade. "Uma coisa", diz Deleuze em seu livro *Nietzsche e a filosofia*, "tem tantos sentidos quantas forem as forças capazes de se apoderar dela" (DELEUZE, 2001, p.5). Cada significação ou interpretação concerne, portanto, ao desnível intensivo das forças, à luta entre elas. Isso é compreensivo quando consideramos, por exemplo, que determinados hábitos ou práticas sociais – que antes tinham determinado valor ou sentido – passem a ser definidos por outros à medida que novas forças bio-histórico-sociais se apoderam e passam a dizer a suposta verdade da coisa em questão.

Nossa consciência – como instância voluntarista, efetivadora de uma suposta boa-vontade em conhecer, que se apresenta como amiga natural da sabedoria – é ela também, para Deleuze, fruto desse jogo de forças. De modo que compreender o real apenas em função da consciência que temos dele implica continuar atado ao jogo de possíveis

dado pelas determinações que nos condicionam, ou seja, pelas forças que já são dominantes. Nossa consciência, por mais elaborada ou sofisticada que se mostre em certas situações, é uma apreensão parcial, simplificada e mesmificada da realidade (DELEUZE, 2001, p. 47).

Assim, como chegamos a apreender, no dado, a variedade de movimentos não dados, de modo a alargar e mesmo reinventar outros sentidos, outras potências de vida, outras formas de ver, falar, estudar, habitar, amar... que não aquelas que a Publicidade, o Estado, a Igreja, a TV, o Direito etc. nos relegam? Tal apreensão alargada, aliás, seria possível?

Para Deleuze, sim, afinal, sua filosofia propugna por uma produtividade vital, ou "vitalismo", que, em certos encontros, pode escapar às determinações do *status quo*, produzindo agenciamentos novos com forças inauditas, que perfazem outros modos de estar no mundo. A arte, para Deleuze, seria uma das maiores provas disso: cinema, música, dança, capoeira, as mais variadas artes não cessam de conjugar forças diversas, de trazer à tona outros sentidos, de torcer relações de força dadas. Isso é possível porque a arte, dentro do panorama contemporâneo, é uma das experiências humanas que mais têm sido capazes de articular o pensar a uma potência criativa não subordinada a eixos centrais totalizadores. Com isso, não perdendo de vista a singularidade de cada caso, o perceber, o sentir e o compor(-se) (n)o mundo podem abrir-se a sua própria diferença constitutiva, escapando de alguma maneira ao padrão de identidades estabelecidas.

Dado esse referencial teórico, apresentaremos a seguir as diferentes "oficinas encontro", "oficinas dispositivos", em que a imanência entre psicologia, arte, política e processos de subjetivação visibilizam-se como:

MALABARES: malabarismo é a arte de manipular um ou mais objetos no ar, realizando com estes uma façanha visual e ou física. Ele é uma prática artística, física e social e, nas últimas décadas, com o surgimento dos automóveis e o engrandecimento das cidades, tem se territorializado na rua. Sobretudo na faixa branca dos semáforos, há essa figura do malabarista que ocupa um espaço em movimento, espaço de passagem, que rompe a bolha do cidadão comum, aprisionado nas repetições do seu carro, em jogo artístico que denuncia tanto a desigualdade de classes como o preconceito com a arte de rua. A "oficina" também tem como objetivo, discutir a questão social, por meio de reflexões sobre o que seria arte, qual o papel do artista na sociedade, de que maneira ele atravessa e é atravessado por questões ligadas ao



8º Congresso de extensão universitária da UNESP

"Diálogos da Extensão:
do saber acadêmico à prática social"

Realização:

unesp

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JULIO DE MESQUITA FILHO"



meio ambiente, à escola, a questões políticas e econômicas.

MÚSICA - VIOLÃO: Essas "oficinas" têm como objetivo apresentar novos modos de apreciação musical e sensibilizar o "ouvir" dos jovens para uma nova estética que se diferencie daquelas veiculadas pela máquina capitalística, a qual dissemina modelos hegemônicos de percepção e gostos musicais a partir da produção de subjetividades serializadas. Dessa forma, trata-se de experimentar a música como possibilidade de ampliar universos de referência, permitindo uma aproximação a planos sensíveis, os quais resistiriam aos "sons-mercado" que capturam a produção e a criação estética. Buscamos nos encontros com a música "*engendrar subjetividades inusitadas*" a partir de "*agenciamentos de desejo estético*" (GUATTARI, 1992), a fim de movimentar e expandir novas relações, novas conexões, novas suavidades e novas formas de habitar os territórios.

GRAFITE: são abordadas técnicas do universo de arte urbana como *sticker*, lambe-lambe, pichação, pintura. E, concomitante à discussão de técnicas, visa-se debater de que maneira tais atividades têm se constituído formas de expressão social questionadoras e reivindicadoras. Tem como principais características o humor e a diversidade. É ainda uma forma narrativa constituída basicamente por imagens fixas que conduzem um movimento, um pensamento e informações. Portanto, ele agrega o desenho/imagem/foto/etc. a uma narrativa.

De acordo com nossa perspectiva ética-estética-política, o grafite remete à vida, na medida em que é nela que se tecem as relações, os afetos, os valores e as culturas, de tal modo que a produção grupal no encontro-oficina se pauta por uma reinvenção de nossa postura frente ao mundo e nas relações, sempre crítica, reflexiva e criativa.

Desse modo, a produção do grafite traz consigo a estratégia de reconciliação entre aquilo que se vive e sua potência de produção de novos discursos, conhecimentos e territórios existenciais valorizados em sua íntima relação com a arte, considerada o vetor que possibilita novos regimes de sensibilidade: arte como criação e potência estética de sentir.

TEATRO: as "oficinas" de teatro buscam iniciar os participantes nas noções de improvisação de cena e outros elementos. Trata-se de fazer que experimentemos em nosso corpo, de várias maneiras inusitadas, mexer aquele músculo quase imperceptível, falar aquilo que dificilmente falamos, gritar como nunca gritamos e o que dificilmente se grita. O teatro oferece a possibilidade de criar novos gestos, novos personagens, produzir novas linguagens, produzir novos afetos e construir novas realidades.

CAPOEIRA ANGOLA: constitui uma manifestação cultural Afro-brasileira criada pelos negros escravizados no Brasil. Envolve uma mistura de luta, dança, arte, música, ritual. Chegou a ser proibida, pelo seu caráter de luta, e foi muito importante no processo de libertação dos escravos. A "oficina" tem como objetivo passar conceitos básicos acerca da Capoeira Angola e aliá-los a um comprometimento ético-social e a seu papel inclusivo, sem descartar o caráter cultural e múltiplo da Capoeira, para dar, por meio dos movimentos e da musicalidade, matérias de expressão para as intensidades vividas. Também busca uma desconstrução das subjetividades massificadas, além de servir como fator de afetivação que aciona nosso corpo vibrátil. Considere-se ainda a valorização do coletivo como Potência que afirma as diferenças, ao propiciar novos devires, novas intensidades e novos agenciamentos. Nesse sentido, não existe o sujeito que toca e o que joga capoeira, visto que os afetos aí implicados desconstróem qualquer possibilidade de se sustentar um poder hierárquico.

CINE POLO: As apresentações de filmes ocorrem quinzenalmente, e têm como objetivo a proposta de uma discussão que se aproxima da comunidade, já que as temáticas cinematográficas apresentadas nos documentários e curtas versam sobre o movimento sem terra, a repressão policial, o sistema penitenciário, o grafite, a arte de rua, os mendigos andarilhos, a diversidade de gênero e a política. Buscamos despertar uma inquietação e uma identificação dos espectadores com a tela, levando-os a questionar sua própria realidade.

PERCUSSÃO: Utiliza, de forma artístico-musical, objetos que são considerados lixo. A sucata (galões de água, latas de tinta, latas de refrigerante, pedra, cabos de vassoura, borrachas de pneu e pedaços de pano) é um elemento sonoro e surpreendente. Entre os objetivos desta oficina, estão: desenvolver atividades musicais e técnicas de percussão por meio da construção de um grupo rítmico, proporcionando, assim, o contato teórico-prático com a linguagem musical presente na cultura brasileira; estimular a prática de atividades coletivas, propiciando agenciamentos inéditos; incitar a criação de novas linguagens, musicais e sonoras, abordando, mediante o uso da sucata como elemento musical e temática dos debates, discussões e questionamentos sobre o meio ambiente (lixo, reciclagem).

CIDADANIA E DIREITOS HUMANOS: Esta "oficina" transversaliza todas as acima informadas e propõe-se a discutir e afirmar temas que estão de acordo com o trabalho que o Núcleo de Cidadania e Direitos Humanos vem desenvolvendo em múltiplos



8º Congresso de extensão universitária da UNESP

"Diálogos da Extensão:
do saber acadêmico à prática social"

Realização:

unesp

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JULIO DE MESQUITA FILHO"



territórios onde a juventude pobre habita. Vale destacar que, a partir da promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente (1990), houve uma proliferação de instituições destinadas a defender os direitos da infância e adolescência. Porém, a invenção desse sujeito de direitos transforma-se em objeto de controle e tutela. Diante desse quadro, promovemos discussões que contemplem o questionamento do instituído; o questionamento da naturalização de conceitos, tais como o de cidadania e de direitos humanos; a desmistificação da ideia de democracia tal como ela é veiculada por alguns partidos políticos, por uma grande parcela da mídia e experienciada apenas como processo decisório por meio do voto; a desconstrução da ideia de imparcialidade e neutralidade da mídia, suscitando discussões acerca de sua força nos processos de subjetivação massificada; e a problematização de questões referentes ao sistema educacional que, de um modo geral, é reprodutor e mantenedor das desigualdades sociais.

As discussões transformam-se em conceitos guerrilheiros para esses jovens, emergindo assim movimentos de resistência e linhas de fuga, para a produção de novos modos de existência. Tomando o grupo como dispositivo, acreditamos que há a possibilidade de afirmação dos devires que podem deslocar esses jovens dos modos de vida individualistas e intimistas, para a produção de modos de vida da ordem do coletivo, em que a arte e diferentes saberes e redes de poderes poderiam vir a sustentá-los.

Objetivos

O objetivo deste trabalho de extensão é intervir, por meio da psicologia, da arte e da política, na vida de jovens considerados em situação de risco pessoal e social. Nesse sentido, problematizamos esse tripé, na tentativa de romper a velha e atual prática da Psicologia de denominar a arte como qualquer coisa, inclusive repetida e copiada dos antigos hospitais psiquiátricos e, posteriormente, com os trabalhos da Nise da Silvera, de forma banalizada. A arte, hoje, é usada em toda e qualquer "oficina", seja para psicóticos, idosos, crianças e jovens pobres, seja para toda a população tutelada pelo Estado e pelas diferentes políticas públicas. Ao interrogarmos essas práticas, percebemos que ela é uma mistura entre expressões artísticas e terapias ocupacionais, cujo objetivo maior é gerir as populações conceituadas como de risco.

Para rachar com esses simulacros, apresentamos anteriormente os conceitos de arte, psicologia e política, que norteiam nossas intervenções. Haja vista que, para nós, o que importa é afirmar os

processos de criação que diferenciem vidas e modos de viver, que possibilitem aos jovens pobres escaparem de um processo de homogeneização capitalista que os inventou historicamente como virtualmente perigosos. Nesse sentido, apresentamos as diferentes "oficinas" e vamos compondo o referencial teórico e as práticas artísticas, vislumbrando, nos jovens, efeitos inéditos que os encontros nas "oficinas" vão produzindo. Trata-se de agenciamentos novos com forças inusitadas que perfazem outros modos de estar no mundo.

Material e Métodos

Cartografia: esse método produz rupturas nos métodos positivistas e cientificistas na área de ciências humanas, visto que não busca a objetividade de quem tudo o que olha transforma em pedras. Busca ver o invisível, dá passagem a agenciamentos, sensações e sensibilidades. Acompanha os movimentos do desejo, a construção e a desconstrução dos territórios assegurados. No caos das forças, sensibiliza para uma ética e há uma rebelião com a moral. A cartografia nos possibilita interagir com os jovens pobres, convidando-os a rachar a história que os inventou como virtualmente perigosos. Nesse sentido, a arte e a política estão conectadas. A lei e a norma vão sendo compreendidas, direitos são interrogados e o pensamento desassossegado, abrindo brechas para novos engajamentos que o coletivo pode produzir no campo social. O método da cartografia possibilita intervir por meio dos encontros e romper com a subjetivadas "vampirizadas em seu vigor" e, nesse sentido, com prudência, acolher os processos de invenção que vão surgindo e que virtualizam novas experimentações e a produção de um modo de subjetivação em que a vida vai se afirmando nas esferas da ética e da política.

Inúmeros materiais são utilizados para que os encontros possam ser concretizados: matérias de papelaria, de escritório, diferentes tipos de tintas, tesouras, telas, tecidos variados, materiais para diferentes tipos de pintura: tecido, grafites, bexigas, madeiras, papéis, diversidades de pinceis, adesivos, colas com diferentes objetivos, cds, dvds, e materiais multimídias.

Resultados e Discussão

Em relação aos diferentes dispositivos artísticos (que burocratizamos e fixamos como "oficinas") disponibilizados aos jovens de periferia, a técnica não é mais importante que o processo de criação. Nesse sentido, pensamos em elaborar estratégias



8º Congresso de extensão universitária da UNESP

"Diálogos da Extensão:
do saber acadêmico à prática social"

Realização:

unesp

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JULIO DE MESQUITA FILHO"

PROEX
PROGEXT

para compor as práticas artísticas com as problematizações relacionadas às diferentes histórias de vida e de situação de classe social. Dessa forma, pudemos dar visibilidade ao Estatuto da Juventude, que não impede que a violência cometida contra os jovens pare de crescer, produzindo efeitos nos modos de subjetivação da juventude pobre deste país. No entanto, nosso intuito consiste em incitá-los a compreender a história das verdades construídas sobre eles, a fim de que possam produzir resistências e linhas de fugas coletivas, moldando-se como máquinas de guerra, escapando das redes de poder, como polícia, conselhos tutelares, fóruns, fundação casa, inclusive de certos educadores que os aprisionam como vida nua, vida tutelada. Nossa proposta é intervir por meio da arte, da política e da Psicologia, no sentido de que o jovem, ao compor com esses saberes, possam romper com uma vida que é vista como "a carne mais barata do mercado é a carne negra" (Elza Soares) ou exterminado como mais um entre os 27.000 jovens mortos no ano de 2012. Há que ter para eles uma vida que não seja de mão única, e que o pensamento artístico articulado com o político possa fazer vibrar no corpo em abertura para o estrangeirismo heterogêneo, para a produção de uma vida preta de multiplicidade de sentidos.

Conclusões

Nossas leituras em relação à Psicologia, e a consequente utilização dessas ferramentas teóricas, nos põem a interrogar os regimes de verdade tão propalados pelas ciências, e colocam-nos a pensar uma Psicologia que afirme os desvios à norma, que afirme a diferença nos modos de existir, que considere o sujeito/coletivo como efeito das relações de saber, de poder e da ética, e que os agenciamentos solidários possam se atualizar nas manifestações de resistência e criação de linhas de fuga. Nesse sentido, potencializam-se as ações que priorizem as relações de alteridade e cidadania. Tomamos algumas idéias sugeridas por Coimbra, C. et al. (2005, p.8), para quem "os sujeitos são atravessados por uma multiplicidade de forças que os subjetiva incessantemente [...] a vida se constrói a cada momento e não pode ser reduzida a qualquer modelo ou norma. Sujeitos e objetos se encontram em permanente devir (Deleuze; Parnet,

1998), um vir a ser que nunca se concretiza em formas estanques nem pretende copiar ou decalcar moldes pré-estabelecidos. O que propomos e afirmamos são pensamentos e existências sem modelos a repetir, sem verdades a determinar o *modus vivendi*. Pensamentos e existências que exigem criações e invenções, que estão no plano dos Acontecimentos e se evidenciam nos movimentos que possibilitam a inauguração de outras formas de vida.

Agradecimentos

Agradecemos a PROEX e a PROGRAD pelo apoio financeiro, pois somente com os recursos aprovados foi possível a realização das oficinas e a execução do projeto como um todo.

- AGAMBEN, G. *Art, Inactivity, Politics*. In: BACKSTEIN, J.; BIRNBAUM, D.; WALLENSTEIN, S. (Eds.). *Thinking Worlds: The Moscow Conference on Philosophy, Politics, and Art*. Berlin: Sternberg Press, 2008.
- BAUMGARTEN, A. G. *Estética, a lógica da arte e do poema*. Tr. br. Miriam S. Medeiros. Rio de Janeiro: Vozes, 1993.
- COIMBRA, C. *Clínica e Política: Subjetividade e violação dos Direitos Humanos*. Rio de Janeiro: Instituto Franco Basaglia/Editora Tecortá, 2002.
- DELEUZE, G. *Nietzsche e a filosofia*. Tr. António M. Magalhães. Porto: RÉS-Editora, 2001.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *O que é a filosofia?*, Tr. br: Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz, Ed. 34, Rio de Janeiro, 1992.
- DELEUZE & PARNET. *Diálogos*. São Paulo: Escuta, 1998.
- DONZELOT, J. *A polícia das famílias*. Rio de Janeiro: Graal, 1986.
- FONSECA P.; FONSECA P.M.G; KIRST P. G (orgs). *Cartografia e Devires*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.
- FOUCAULT Michel. *Estratégia, Poder-Saber*. São Paulo: Editora Forense universitária, 2012
- _____. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1985
- GUATTARI, Félix. *Caosmose: Um novo paradigma estético*. Tradução: Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia. São Paulo: 34, 1992.
- LEPECKI, A. *Coreopolítica e coreopolícia*. In: Revista *Ilha*. Vol. 13, n. 1, pp. 41-60. Jan./jun. (2011) 2012.
- MUNIZ, F. *Platão contra a arte*. In: HADDOCK-LOBO, R. (org.) *Os filósofos e a arte*. Rio de Janeiro: Rocco, 2010, pp. 15-42.
- NASCIMENTO, R. D. S. *Dimensões políticas da teoria deleuziana dos signos*. In: GALLO, S.; NOVAES, M.
- GUARIENTI, L. B. O. (Orgs.) *Conexões: Deleuze e Política e Resistência e...* 1ª. ed. Petrópolis, RJ: De Petrus et Alii; Campinas, SP: ALB; Brasília, DF: CAPES, 2013.
- RANCIÈRE, J. *The Politics of Aesthetics*. New York: Continuum, 2004.